



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

“AQUI É TODO MUNDO IGUAL”: RELATOS DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA INICIANTE E SUA RELAÇÃO COM A CULTURA ESCOLAR NA CIDADE DE CRICIÚMA – SC.

Camila da Rosa Medeiros¹
Victor Julierme Santos da Conceição²

PALAVRAS-CHAVE: Professor iniciante 1; Cultura Escolar 2; Experiência 3; Educação Física 4;

INTRODUÇÃO

Entendemos que as vivências no início da carreira docente, podem auxiliar a legitimar a prática educativa frente a cultura escolar. No entanto, tais vivências tornam-se apenas ações para dar conta de fatos isolados do cotidiano, mas não possibilitam a criação de atitudes que modifiquem e dêem sentido à prática educativa. Inicialmente procuramos compreender em que se constitui esse emaranhado chamado cultura. Assim concordamos com Geertz (2008), ao apresentar diversos conceitos de cultura e tecer análises sobre eles, defendendo que o homem é um animal preso a um conjunto de teias que ele ajudou a tecer e que nesse sentido, a cultura se caracteriza como essas teias e seus significados. Esses significados sociais se incorporam ao modo de ser, agir e pensar do sujeito, através do processo socializatório (DUBAR,1997), constituindo a identidade do indivíduo. Essa identidade está em constante transformação ao passo que a cada relação estabelecida com uma nova cultura, o sujeito transforma, mas também é transformado, no processo dialético entre culturas. Para Dubet (1994) a experiência é o que toca o sujeito a partir da sua subjetividade, da relação entre o seu processo de construção, os outros sujeitos e as relações sociais que ele estabelece com o meio.

Dado exposto contribuiu para construção do seguinte objetivo: *compreender como experiências com a cultura escolar assumem protagonismo no processo de construção do ser docente em narrativas de uma professora de Educação Física no início de carreira na Rede Municipal de Criciúma-SC.*

METODOLOGIA

Essa pesquisa se caracteriza como descritiva de caráter qualitativo. Participou como colaboradora, uma professora de Educação Física iniciante, que atua com turmas de educação infantil a três anos, utilizamos o nome fictício de *PÉROLA*, alterando a identificação da professora para manter os aspectos éticos da pesquisa. Foram utilizadas observações com a imersão no campo, que aconteceram ao longo de todo o desenvolvimento da pesquisa, em diversos momentos de maneira alternada. Outro instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada com enfoque narrativo, uma vez que esse processo consistiu em

¹ Licenciada em Educação Física – Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC); Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano – UFRGS; E-mail: crm.efi@gmail.com

² Doutor em Ciências do Movimento Humano/UFRGS; professor do curso de Educação Física da Universidade do Extremo Sul Catarinense; E-mail: victorjulierme@yahoo.com.br



ouvir o outro (colaborador do estudo) com interesse no que ele vivencia ou constrói. Estas entrevistas ocorreram mediante agendamento prévio e foram realizadas no próprio campo de atuação, seguindo passos do processo de análise, esses encontros foram gravados (apenas áudio) com auxílio de um gravador e posteriormente transcritos, sendo devolvida a colaboradora para o processo de validação dos dados e analisadas a luz da literatura.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Iniciamos essa sessão com o resgate do objetivo do estudo: *compreender como experiências com a cultura escolar assumem protagonismo no processo de construção do ser docente em narrativas de uma professora de Educação Física no início de carreira na Rede Municipal de Criciúma-SC*. Identificamos que esse processo subjetivação de experiências, está intimamente ligado ao processo de construção identitária do sujeito (VIEIRA, SANTOS, FERREIRA NETO (2012). Tendo em vista que a lente que o sujeito utiliza para ver o mundo, influencia do mesmo modo na maneira como ele estabelece suas ações e transforma suas vivências em experiências, de maneira subjetiva (DUBET, 1994).

Pérola deixa claro que sua “essência” como professora, seria atuar com turmas do ensino médio, mas que por motivos pessoais ela aceitou iniciar sua carreira com turmas de educação infantil em uma escola particular.

“eu queria trabalhar era com o ensino médio... A gente sai e depois que a gente se forma a gente sempre tem uma vontade, e a minha vontade era aquela”.

Esse início se mostrou para ela, totalmente diferente do que recordava das vivências da graduação, principalmente por ter que realizar tarefas que iam além de ensinar, e falta de autonomia para propor mudanças e reconhecimento inexistente no contexto onde atuava. Esse processo gerou uma crise já no primeiro ano de carreira.

“Ah! Eu me senti desolada assim, quando eu me formei eu não queria trabalhar com educação infantil, o meu perfil é ensino médio, mas como né... a gente tem que agarrar o que aparece e tudo é experiência. Então eu tive a experiência da educação infantil, então aquilo ali para mim foi a pior coisa que aconteceu, por que aí eu corri de todas as da educação infantil depois.”

Ao não conseguir retornar a mesma escola no ano seguinte, a colaboradora tem como única opção o trabalho com educação infantil, mas em uma escola da rede municipal de ensino. Assim, através de sua representação de escola construída ainda enquanto estudante e percepções da cultura escolar pré-concebidas, ela se insere neste contexto com o sentimento de insegurança advindo de suas experiências anteriores com esse nível de ensino.

“Aí foi onde eu tive a oportunidade do bairro, educação infantil, me assustou.. De novo.. Só por que eu sei que o perfil aqui é diferente, o perfil aqui não é aquele perfil de criança de apartamento, criança que é condicionada só a eletrônico... Então eu quis encarar” (Pérola)

Nesse sentido, Pérola ao construir sua prática pedagógica, leva em consideração aspectos relacionados à concepção teórica a que se identifica, traços identitários seus, os materiais disponíveis no campo de atuação e o nível de desenvolvimento dos alunos.

“Eu estudei no que dizem ser tradicional, mas pra mim, aquilo lá não era tradicional, aquilo lá era uma forma de aprender mesmo, que é o treino.”

“Então eu sou muito do movimento, muito do desenvolvimento motor, muito de trabalhar assim oh, com confiança, eu gosto muito de trabalhar com... Como é que se diz.. Colocar pra eles desafios, entendeu?”



“[...] eu acho que os esportes não deveriam começar no fundamental, já deveria começar no infantil, pra mim, com certeza, o estímulo para o esporte já deveria começar aqui, no infantil, entendeu? Por que tem muito aluno, que vai se dar bem em esporte.”

Portanto, a colaboradora mostra que os aspectos relacionados a cultura escolar e ao cruzamento destas múltiplas culturas, são deixados de lado. A mudança de representação sobre a educação infantil se dá a partir das relações com os alunos e a partir da resposta que ela obtém avaliando a progressão de seus alunos.

Assim, ela consegue desenvolver uma relativa autonomia na sua prática, a partir da avaliação que seus alunos estão evoluindo biologicamente, e se integra a comunidade escolar como professora de educação física da educação infantil, passando a fazer parte da escola.

CONCLUSÃO

Identificamos que no início de carreira a professora constrói sua interpretação de escola, enquanto atuação profissional, a partir da vivência dos estágios supervisionados da formação inicial. As experiências com a cultura escolar podem se manifestar em ações positivas e negativas ao docente em início de carreira. O docente vivenciar aspectos negativos relacionados a uma série de fatores que vão além do trato pedagógico com o conhecimento pode fazer com que ele crie resistência a relação reflexiva, e passe a sobrepujar o conhecimento teórico e sua concepção de educação física em detrimento da construção da prática a partir das experiências com a cultura escolar. Esse processo se dá a partir da necessidade de fazer parte da cultura escolar. Assim, percebemos que a cultura escolar não produz sentidos significativos para a construção da prática pedagógica de Pérola, no entanto a relação estabelecida com os alunos e desenvolvimento deles no aspecto biológico são os principais motivos de mudança na representação negativa acerca da educação infantil.

REFERÊNCIAS

- DUBAR, Claude. A socialização: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DUBET, François. Sociologia da Experiência. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- MIZUKAMI, M. G. N. Docência, Trajetórias Pessoais E Desenvolvimento Profissional. In: REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues. MIZUKAMI, M. G. N. **Formação De Professores**. São Carlos: EDUFSCAR, 1996.
- PÉREZ GÓMEZ, A. **La cultura escolar em la sociedade neoliberal**. Madri: Morata, 2001.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- VIEIRA, A.O; SANTOS, W; FERREIRA NETO, A. (2012). Tempos de escola: narrativas da formação discente ao ofício docente. **Revista Movimento**. V18, nº 3

FONTE DE FINANCIAMENTO

PIC - 170